

## **O Twitter como um espaço de negociações<sup>1</sup>**

Kellen Mendes Höehr<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

### **Resumo**

Este texto discute o Twitter como um espaço de negociações, a partir de uma abordagem semiótica. O pressuposto é que o espaço onde se dão as relações dentro da Twittosfera faz com que apareçam novas linguagens através dos interlocutores, tantas são as articulações e formas utilizadas para a inserção dentro desse ambiente. Este pressuposto é analisado por meio do conceito de Semiosfera de Yuri Lotman. A questão posta em reflexão é como se configura este espaço de negociação em rede, sendo ele um espaço semiosférico.

### **Palavras-chave**

Twitter; Espaço de negociações; Linguagem; Semiosfera

### **Abstract**

This paper discusses Twitter as a space of negotiations, from a semiotic approach. The assumption is that the space where relations are made within the Twittosphere raises new languages through the interlocutors, so many are the joints and the ways to insert within this environment. This assumption is analyzed through the semiosphere concept by Yuri Lotman. The point brought into question is how this space of negotiation is configured in network, being a semiospheric space.

### **Key words**

Twitter; Space of negotiations; Languages; Semiosphere

A comunicação mediatizada pelos meios digitais trouxe e continua desvendando outros sentidos ao papel do indivíduo na interação social e no processo de comunicação em rede. Dessa forma, na medida em que vão surgindo processos dialógicos dentro desse ciberespaço, é possível perceber e estabelecer certos agenciamentos semióticos, capazes de produzir uma nova linguagem e traduzir os códigos ali estabelecidos.

As redes sociais vêm justamente de encontro a esta premissa. As pessoas estão ali interconectadas por uma rede que possibilita uma intensa troca de informações. A todo

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado ao eixo temático “Jornalismo, Mídia Livre e Arquiteturas da Informação”, do V Simpósio Nacional ABCiber.

<sup>2</sup> Mestranda no PPG em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista Prosup/Capes. Jornalista graduada no Curso de Comunicação Social – Jornalismo do Centro Universitário Franciscano (Unifra). E-mail: [kellenhoehr@hotmail.com](mailto:kellenhoehr@hotmail.com)

instante recebem informações que podem ser acessadas quando quiserem, pois estará sempre lá na nuvem cibernética. Essa rede só é possível graças à movimentação individual de seus atores, que ativam a circulação das informações e as tornam parte deste mundo, a partir de percepções do lugar que ela ocupa neste espaço. Esta movimentação é carregada de elementos construtivos, como a forma com que processamos tal mensagem, seu destino, sua apropriação e seus efeitos no meio.

Assim como no conceito de McLUHAN (1981), “o meio é a mensagem”, quando o meio é entendido muito além de apenas um canal de transmissão, sua esfera semiótica é revelada, sugerindo uma construção discursiva e de interpretação, por meio da tradução de signos.

Os fluxos de informações encontrados neste espaço da web 2.0 (O'REILLY, 2005) tem um caráter bilateral, afastando-se do modelo que se julgava ser de mão única, em que um único emissor (ou um pequeno conjunto de emissores) era responsável por toda a informação à qual os consumidores dos meios de comunicação de massa teriam acesso. Hoje, entre as redes sociais, a que melhor se adapta a este modelo de fluxo é o Twitter, uma ferramenta de mensagens simples, instantânea e prática repleta de elementos simbólicos que a constituem num espaço de troca.

O Twitter é uma ferramenta que permite o recebimento e envio de mensagens em apenas 140 caracteres. Utilizado para as mais diversas atividades atualmente, os assuntos mais comentados na rede são marcados pela hashtag “#”, que aparece ou não nos Trending Topics<sup>3</sup> do país ou cidade escolhido, como um top 10 dos temas mais discutidos entre os usuários. Utilizado por grandes veículos de comunicação e pela comunidade de usuários da Internet em geral, as informações ali postadas geralmente respondem à pergunta: What is happening? (O que está acontecendo?). Os usuários do Twitter atuam como difusores de informações, já que o objetivo da plataforma é a disseminação de qualquer assunto, partindo do ponto de vista de quem twitta<sup>4</sup>.

Mas nem tão simples é a sua apropriação, quando pensada sob o ponto de vista dos estudos de semiótica da cultura, de Yuri Lotman. Como cita o artigo “Diálogos: o Twitter e o peripatético”, (FERREIRA, J.P.; PRADO, M, 2010: 158) publicado na Revista Matrizes, “no fluxo de informações, que assola os habitantes de espaços midiáticos, uma das principais

---

<sup>3</sup> Entre os Trending Topics existe a opção worldwide, onde é possível saber os assuntos mais comentados em todo o mundo ou a opção de escolha da sua região. No Brasil existe apenas a opção para as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo

<sup>4</sup> Twittar é o ato de enviar mensagens às pessoas que o seguem na ferramenta Twitter.

estratégias é o filtro da seleção.”. O que pressupõem pensar esses filtros como um dos códigos estabelecidos na websfera.

Se puede considerar el universo semiótico como un conjunto de distintos textos y de lenguajes cerrados unos con respecto a los otros. Entonces todo el edificio tendrá el aspecto de estar constituido de distintos ladrillitos. Sin embargo parece más fructífero el acercamiento contrario: todo el espacio semiótico puede ser considerado como un mecanismo único (si no como un organismo). Entonces resulta primario no uno o otro ladrillito, sino el <gran sistema>, denominado semiosfera. (Lotman, 1996: 24)

Segundo Lotman (1996), a semiosfera é o espaço semiótico, fora do qual é impossível a existência de semioses. Como objetivo principal deste trabalho, propomos esta reflexão do Twitter como este espaço semiosférico designado por Lotman, mas para isso é preciso entender primeiramente como se estabelecem a configuração de tais espaços.

### **Como os espaços se configuram?**

Se considerarmos que o Twitter é uma plataforma de comunicação, onde podemos filtrar qualquer informação que desejamos seguir e o espaço onde isso acontece se rege por leis próprias, criadas a partir de seus atores sociais, podemos fazer uma analogia com o conceito de Semiosfera de Yuri Lotman, que propunha este como um espaço semiótico imprescindível para o desenvolvimento da cultura e a existência da linguagem e suas mais diversas possibilidades de códigos. Contudo, esse espaço possui fronteiras entre o interior e o exterior e o objetivo desta fronteira é filtrar tudo o que vem de fora através de um processo de semiotização, convertendo o novo material em informação.

Hoje graças a um fluxo de informação bidirecional proposto pelas mídias de função pós-massiva (LEMOS, 2007), onde todos têm a liberdade de se expressarem, é que a plataforma Twitter se mantém como uma das redes sociais mais utilizadas no mundo, perdendo apenas para o Facebook, Orkut e QZone<sup>5</sup>. A diferença da ferramenta, frente a outras que estão no mercado é a multidirecionalidade e a instantaneidade da informação, a possibilidade de filtro e a mobilidade, já que foi criada para ser acessada de dispositivos móveis, com cobertura 3G.

<sup>5</sup> Estas redes sociais estão disponíveis num ranking, entre as mais utilizadas no mundo. Disponível em <http://bit.ly/p46oCd>.

Do mesmo modo em que a rede do Twitter é formada por pessoas que seguimos e somos seguidos e compartilhamos informações com estas, é que podemos assemelhar este espaço com o ambiente de semiosfera, onde as negociações entre os actantes são intensas e freqüentes, já que a ferramenta nos disponibiliza diversos signos para o acontecimento desta interação. A velocidade com que essa distribuição de conteúdo acontece é marcada pela quantidade de comentários (tweets) na rede e pela força de persuasão que os definem. Nessa perspectiva, podemos perceber diariamente casos que exemplificam claramente a força de mobilização dentro da rede e a diversidade de linguagens que surgem graças a essa mobilização.

Um desses exemplos são as hashtags “#” que se apropriam de certos tipos de mensagens, deturpando o conteúdo original. Uma grande tendência do ícone é sua utilização em busca de capital social, já que muitos atores utilizam o símbolo para aparecer na lista que unifica tudo o que é postado com aquele ícone.

Dessa forma, os atores sociais são entusiasmados por outros, desencadeando uma rede de informações instantânea, baseada em tendências, fatores e influência do meio, auxiliando na construção de uma cascata de informação<sup>6</sup>, que ocorre “quando temos um tipo de comportamento (ou decisão) que é repetido por vários atores com base na observação dos demais e não em uma análise a partir das informações recebidas a respeito”. (RECUERO, 2008).

Esse desencadeamento da rede de informações nos revela um espaço muito curioso frente aos outros meios, a revelação do indivíduo e a forma como suas mensagens são construídas, processadas e apropriadas por outros usuários. Pensar no Twitter apenas como um simples espaço de troca de informações seria simplificar o uso da ferramenta e excluir a vida em que faz parte o seu usuário. Assim como seus actantes também vivem numa semiosfera no mundo offline, a plataforma é carregada de elementos simbólicos que servem como aparato para o desenvolvimento da comunicação em rede.

Sem a existência do espaço Twitter, também chamado de twittosfera, é inviável a produção de sentido e as mais diversas formas de atuação do indivíduo frente à plataforma. A lógica de todo o objeto se estabelece quando um usuário forma a sua teia e age sobre ela de uma maneira totalmente independente dos atores atuantes<sup>7</sup>. O conceito de Biosfera, proposto

<sup>6</sup> O conceito “Cascatas de informação” foi criado por Bikhchandani, Hirshleifer e Welch e se refere à influência que certos atores sociais desencadeiam em outros, formando uma rede de informações instantânea. Disponível em <http://bit.ly/ooXCFv>

<sup>7</sup> A ferramenta permite que escolhamos quem seguir sem prévia autorização da pessoa, salvo os casos de perfis fechados, onde há a necessidade de aprovação do ator convidado a fazer parte daquela rede.

pelo biogeoquímico Vladimir Vernadski, fonte de inspiração de Lotman para pensar a Semiosfera possui uma similitude com o espaço Twitter, se pensarmos pelo viés de que não existiria a possibilidade de vida, sem um ambiente que seja necessário para a constituição do organismo, que possibilite ações e o desencadeamento de relações sociais. Essas relações são processadas pelos indivíduos que também constroem o ambiente, por meio delas.

A vida de todo o ser representa uma interação complexa com o meio que o rodeia. Um organismo incapaz de reagir às influências externas, nem de aí se adaptar, pereceria inevitavelmente. Podemos representar a interação com o meio exterior com a recepção e o deciframento de uma informação determinada (...). Além disso, parece necessário aumentar não só a quantidade das diversas comunicações nas línguas já existentes, como também a quantidade de linguagens nas quais se podem traduzir as vagas de informação envolvente, fazendo disso um bem próprio dos homens. (Lotman, 1978, p. 29).

No plano da cultura, esse processo de tradução desenvolvido por Lotman, são as contínuas transformações explicadas pelo conceito de Biosfera de Vladimir Vernadski. Na Internet, mais especificamente no Twitter, as linguagens são traduzidas constantemente pelos seus atores. Pode-se se dizer que a luta pela sobrevivência em rede é a possibilidade de inúmeras transformações das linguagens em diferentes signos por cada indivíduo que pertence àquele ambiente.

### **Signos negociados**

O uso da conversação na plataforma Twitter se dá através do ícone @, em frente aos nomes ou *nicknames* dos usuários, como se fosse um código onde todos podem ser reconhecidos como integrantes daquele espaço onde circulam as informações ali postadas. No espaço de cada integrante dessa twittosfera, também chamado de perfil é possível postar todo e qualquer tipo de informação e é neste espaço, o primeiro lugar onde as linguagens se distorcem. Entre os perfis podemos encontrar figuras de todos os gêneros: os humoristas, os ativistas, os reguladores, os consumidores, as celebridades, entre tantos outros que poderiam ser definidos conforme a atuação em rede.

Utilizaremos como exemplo os humoristas, um dos gêneros em que muitos desejam estar, devido a popularidade que eles alcançam. A maioria dos integrantes dessa categoria

possui uma infinidade de seguidores e um capital social bastante valorizado e um capital simbólico extenso, já que se conectam aos seus “espectadores” com frases de efeitos em poucos caracteres, o que demonstra certa destreza desses usuários em conquistar a simpatia das pessoas em poucas linhas.

Ressaltamos aqui a importância da linguagem utilizada por esses, já que esta passa a ser apropriada pelos seus seguidores nos mais diferentes sentidos. Como exemplo, selecionaremos alguns tweets sem a identificação dos autores, como critério de preservação da identidade. O tweet de uma integrante da rede explicita este caso de apropriação: “moço, me vê 2 bacias de sal grosso, 2 folhas de espada de são jorge, 1 quilo de arruda e 2 pés de coelho. Obrigada”.

Percebe-se que a usuária escreve o tweet como se estivesse pedindo um favor a alguém, porém é uma generalização para todos que a seguem, fazendo uma referência a algum ritual de proteção contra inveja e má sorte, na crença popular. Muitos de seus seguidores respondem à frase, através do ícone *Reply* da ferramenta, com frases do tipo: “tô preparando meu banho hoje, porque gata, não tá rolando essa urucubaca” ou outro “Mizifia tá carregada, mizifia! Quebranto e zoio gordo... :D”. Nota-se que a apropriação do tweet que deu início à comunicação, foi totalmente deturpado por meio de uma linguagem informal, popular e característica de apropriações de algum personagem da cultura brasileira. Outros usuários ainda retuitaram<sup>8</sup> a mensagem, se apropriando da mesma, como se também estivessem passando por tal situação.

De alguma forma este tipo de linguagem construída, é visivelmente negociada entre os interagentes<sup>9</sup>, já que a frase que desencadeia a conexão com os outros usuários deixa à mostra a predisposição a certos tipos de reações e respostas. Muitas vezes esse é o objetivo do autor da frase, outras vezes não, o que demonstra uma fragilidade da websfera em geral, que são as diversas formas de interpretação de um conteúdo, já que não podemos acompanhar a linguagem não-verbal do comunicante, salvo em casos de comunicação via vídeo. De alguma forma, o twitter visibiliza o próprio processo de semiose da teoria de C. S. Peirce, conforme

---

<sup>8</sup> Dar retweet numa mensagem é simplesmente reproduzi-la em seu perfil. Existem duas maneiras de usar o retweet: de forma manual, quando a pessoa apenas cola a mensagem do outro e o identifica com o ícone RT na frente ou através do botão Retweet disponibilizado pela ferramenta. Na primeira opção a foto que aparece na mensagem retuitada é da pessoa que fez a ação, valorizando o seu capital social. Na segunda opção do retweet automático, a foto e a mensagem são exatamente do autor da frase, que ganha uma parte do capital em jogo, pois sua identidade completa fica expressa no perfil de outro usuário. Ver “Em busca das redes que importam” Redes Sociais e Capital Social no Twitter (Raquel Recuero e Gabriela Zago, 2009. Disponível em <http://bit.ly/hrHI>)

<sup>9</sup> Alex Primo utiliza o termo interagente para designar o interlocutor envolvido no processo de comunicação mediada por computador. Ver em (PRIMO, 2003, p.133)

trabalhado por Ronaldo Henn, no artigo *Jornalismo como configurador de memória midiaticizada*:

O interpretante, assim que gerado, e sendo signo, terá condição de produzir outro interpretante e este, mais outro, sucessivamente. Estes novos signos gerados podem ser mais desenvolvidos em relação aos iniciais e propiciariam outros desvendamentos de objeto dinâmico. (Henn, 2006)

É através dessas interações entre *replies* e *retweets* que os signos são negociados, apropriados e traduzidos. A luta pela sobrevivência em um ambiente como a twittosfera faz com que aconteçam diversos tipos de ações, como um novo processo de construção de conteúdo, uma organização social identificada pelos followers e following<sup>10</sup>, as menções do nome do usuário em rede e as listas<sup>11</sup> em que tanto ele produz, como pode ser incluído por outros participantes.

Todos esses códigos sociais são regidos por leis próprias dentro da ferramenta, sendo que algumas delas são construídas pelos integrantes da twittosfera, como a lei da informação e da mensagem, onde todos têm a liberdade de postarem o que quiserem não ultrapassando o limite de 140 caracteres. Dessa forma, a fronteira entre a websfera e a twittosfera é essencial para este processo de tradução das mensagens, já que muitas delas contêm links que são redirecionadas para a websfera, esta nuvem que se encontra sempre disponível, para ser acessada a qualquer momento.

La frontera del espacio semiótico no es um concepto artificial, sino una importantísima posición funcional y estructural que determina la esencia del mecanismo semiótico de la misma. La frontera es um mecanismo bilingüe que traduce los mensajes externos al lenguaje interno de la semiosfera y a la inversa. (Lotman, 1996: 26)

É essa gama de sinais, que faz com que seus indivíduos contribuam para o futuro da plataforma. Se a pessoa se inscreve numa rede social é porque quer de alguma maneira fazer parte daquele meio, não importa se o objetivo é apenas consumir, oferecer ou trocar informação. Dessa forma, a valorização dentro da rede e a sobrevivência entre mais de 200 milhões de usuários ultrapassa os limites de algo que era simplesmente informar.

<sup>10</sup> Followers são as pessoas que seguem o ator social em questão e Following são as pessoas que o ator segue. Na Twittosfera não existe nenhuma regra e obrigação de seguir quem nos segue. O fato de seguir, não seguir ou deixar de seguir também funciona como uma negociação na rede

<sup>11</sup> As listas funcionam como filtro de grupos, em que podemos selecionar em grupos determinados usuários numa mesma categoria.

O homem é inevitavelmente arrastado num processo intensivo: ele está rodeado por uma vaga de informações, a vida envia-lhe sinais. Mas estes sinais não são entendidos, a informação não é compreendida e perdem-se possibilidades importantes na luta pela sobrevivência. (Lotman, 1978: 29)

Concordando com as percepções de Lotman, complementamos que esses sinais são essenciais para a comunicação em rede, já que o indivíduo passa a maior parte do tempo em busca de certos sinais, para só assim iniciar o processo de comunicação com alguns atores. E é nessa intensa busca por interação e visibilidade que voltamos às categorias de usuários. A hashtag “#” é um ícone utilizado como filtro, onde coloca todos os participantes que a utilizam num espaço fragmentado dentro desse ambiente semiótico. É ali que as pessoas conseguem identificar tudo o que está sendo falado sobre aquele assunto *tagueado*.

Contudo, é nesse espaço onde mais se encontram distorções do que foi proposto pelo tweet pioneiro. A maioria dos usuários brasileiros<sup>12</sup> por exemplo, utiliza este recurso para iniciar jogos como o #sinceridades, onde os atores em ação devem escrever algo que tenha relação com a hashtag, por exemplo: “Não sou tão idiota em não perceber que a maioria das pessoas ao meu lado, só querem ser meus amigos, somente pelo que eu tenho [#sinceridades](#)” Neste caso, a autora do perfil em questão sobre o tema sinceridades, utilizou-se da estratégia para difundir o jogo na rede, potencializando seu capital social e simbólico, já que todas as pessoas que usassem este ícone “#” para viralizar<sup>13</sup> o meio, de alguma forma estariam fazendo menção ao seu perfil, sem a possibilidade de descaminho do propósito do jogo.

A partir deste exemplo os atores participantes utilizam a força do ícone para aparecer entre a lista, em busca de mais seguidores e para aumentar o seu capital social em rede, criando outras interpretações para o signo primário. O círculo de informações também é utilizado para a disseminação de spams e conteúdos que tem a intenção de ganhar valor sem estarem relacionados ao tema principal.

De um lado vemos a semiose sendo processada pelas articulações dos próprios signos presentes neste ambiente twittosférico, de outro percebemos outro movimento de semiose que é o diálogo entre os actantes, o que resulta num encadeamento de novos signos e semioses, gerando novos interpretantes e transformando o processo numa cadeia contínua.

---

<sup>12</sup> Toda a observação exploratória deste trabalho foi baseado num caráter universal da ferramenta, de forma que houve uma aproximação mais específica ao Brasil.

<sup>13</sup> Disponível em <http://bit.ly/q0Zw0D>



## Reflexões de finalização

Refletir o espaço Twitter como um espaço semiótico foi apenas uma das mais variáveis apropriações que a ferramenta nos permite pensar do que apenas seu ponto de vista prático e de usabilidade. Os diferentes tipos de linguagens produzidas pelos usuários da rede social propiciam não apenas um processo de semiose, como também a produção intensa de interpretantes que são momentaneamente traduzidos e reconfigurados. Compreender esse meio como algo além de um canal de transmissão faz todo o sentido na esfera semiótica e da comunicação.

Além disso, seguindo a perspectiva de Yuri Lotman, de que “a vida dos seres é uma interação complexa com o meio que o rodeia” (1978), concluímos que o espaço Twitter só existe graças a ação de seus interagentes, os responsáveis pelas ações comunicacionais na rede e por toda o processo de construção de linguagens e comunicação na twittosfera, já que trazem de outra esfera (offline), todos os instrumentos necessários para o início de um novo ciclo na esfera online. Um ciclo que recebe e decifra todas as informações compartilhadas.

A necessidade de novas linguagens no meio são essenciais para a sobrevivência de seus indivíduos, por isso a vasta existência de uma gama de signos negociados. Tais signos servem tanto para a valorização do ator social no meio em que atua, como para a intensa troca de informações entre os participantes da teia construída. São os signos que possibilitam a construção do ambiente, a partir de ações de disputa e tensionamentos entre os actantes, que buscam um maior capital em rede, seja social, como simbólico.

Entendemos que o pressuposto deste trabalho foi apenas uma pequena contribuição para os estudos da cibercultura, sob o viés da semiótica, pretendendo refletir alguns dos inúmeros caminhos que a rede possibilita. Por conta disso, sentimos a necessidade de levar adiante este trabalho, que será melhor desenvolvido no processo de construção da dissertação de mestrado da autora.

## Referências bibliográficas

HENN, Ronaldo. **Jornalismo como configurador de memória midiaticizada**. Disponível em <http://bit.ly/pazyYm>. Acessado em 10 de junho de 2011.

LEMOS, A. L. M. **Cidade e Mobilidade. Telefones Celulares, Funções pós-massivas e territórios informacionais.** Matrizes, v. 1, 2007.

LOT MAN, Yuri. **Cultura y explosión: lo previsible en los procesos de cambio social.** Barcelona: Gedisa, 1999.

LOZANO, Jorge. Prólogo. In: LOT MAN, Yuri. **Cultura y explosión: lo previsible en los procesos de cambio social.** Barcelona: Gedisa, 1999.

\_\_\_\_\_. *A estrutura do texto artístico.* Lisboa: Estampa, 1978.

\_\_\_\_\_. *La semiosfera.* Madri: Catedra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cascatas de informação, Redes Sociais e Twitter:** in: Ponto Mídia, disponível em < <http://migre.me/1ACIw>>. Acesso em 15 setembro de 2010.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1981.

O'REILLY, Tim. **What is Web 2.0?** O'Reilly Media, 2005. Disponível em <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html> Acesso em 19 outubro de 2010.

FERREIRA, J.P.; PRADO, M. **Diálogos: o Twitter e o peripatético.** Matrizes, v.3, n.2, 2010.

PRIMO, Alex. **Quão interativo é o hipertexto? : Da interface potencial à escrita coletiva.** Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003.

RECUERO, Raquel. **Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: A Conversação Mediada pelo Computador e as Redes Sociais na Internet.** Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber), São Paulo, 2008.

ZAGO, G; RECUERO, R. **Em busca das redes que importam” Redes Sociais e Capital Social no Twitter.** Disponível em <http://bit.ly/hrHI>. Acessado em 10 de junho de 2011.